GT – 19: Rede urbana e urbanização regional: agentes, processos, interações escalares e complexificação das formas

CENTROS SUB-REGIONAIS E ENSINO SUPERIOR NO RIO GRANDE DO NORTE: um estudo a partir de Pau dos Ferros

Carla Camila Gomes Freitas
Universidade Estadual do Ceará e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
camilla.gomes1@hotmail.com

Maria Regiane da Costa
Universidade Estadual do Ceará e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
regiane3074@gmail.com

Denise Cristina Bomtempo
Universidade Estadual do Ceará
denise.bomtempo@uece.br

RESUMO: No presente século a oferta de serviços variados alcançou distintos espaços da rede urbana brasileira, dentre o processo de reestruturação ocorrido, mormente em capitais regionais, mas também em centros de menor hierarquia. Nesse contexto, o objetivo desse trabalho é explicar a cidade pequena influência de uma, que é Pau dos Ferros, localizada no Oeste do estado do Rio Grande do Norte, e seu papel na rede urbana na oferta de ensino superior público. Para tanto, no intuito de atingir os objetivos, foram realizados os seguintes procedimentos: eleição de temas, com base em um arcabouço teórico e metodológico; levantamento de dados e informações; pesquisa empírica e por fim, organização e interpretação de dados e informações. Evidenciamos que no estado norte-rio-grandense, aqui representado pelos centros sub-regionais B, apresentam uma variação na oferta de ensino técnico e superior, no entanto, o centro de Pau dos Ferros, objeto empírico de nosso estudo, embora seja o menor em população, é o maior polo educacional entre os quatro centros do estado.

Palavras-chave: Rede Urbana. Região Nordeste. Educação.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos e sobretudo desde a segunda metade do século XIX, os estudos sobre a interação entre diferentes centros urbanos têm sido constituídos por vários estudiosos, desde geógrafos a economistas. Por sua vez, tais estudos tem tentado explicar as diversas modificações que a sociedade e o espaço vêm passando, mudanças que iniciam em determinados pontos, e acabam por reverberar em distintas transformações na rede urbana (Corrêa, 2004).

Mudanças significativas ocorrem em diferentes partes do globo a todo instante, o que acaba por redesenhar ou reorganizar o espaço geográfico. Devemos considerar, que no atual momento da história, que segue o quarto ano da década de vinte do século XXI, tais transformações ocorrem em tempo inimaginável. Milton Santos (2000) já nos apresenta a rapidez do mundo globalizado, do imaginário de um mundo "integrado", e podemos dizer, que mais de duas décadas depois, o que o autor no apresentou em *Uma outra Globalização* se faz presente, e cada vez mais ferozmente. Não obstante, entendemos que certos locais detêm de mais interações que outros, e isso é o que diferencia centros urbanos e constituem a teia da rede urbana.

Nesse sentido, são as metrópoles que mais se mostram como pontos luminosos no globo (Santos, 2006). No entanto, o que temos evidenciado, pelo menos desde a metade do século XX e mormente pós anos de 1970, é uma preponderante urbanização, acelerada e não planejada no Brasil e mesmo na América Latina, desse modo, cidades americanas como São Paulo, Medellin, Guadalajara e Guaiaquil são as que evoluem relativamente mais depressa (Santos, 2007). Desse modo

> há grandes metrópoles que coordenam a gestão territorial de seus países, a exemplo de Mumbai e Délhi, na Índia; Tokio, no Japão; Johanesburgo, na África do Sul; e Buenos Aires, na Argentina. As metrópoles organizam a rede de relações sociais e econômicas que são produzidas em um país, regulando a economia e a política na rede urbana. Já as cidades pequenas inserem-se no quadro básico da urbanização e, por isso, tornam-se o resultado das transformações sociais ocorridas em diversas escalas. (SPOSITO; SILVA, 2013, p. 51).

Por sua vez, enquanto as cidades grandes tendem a aumentar em número populacional e em quantidade cada vez mais interacional, nacional e internacionalmente, centros populacionais menores começam a ganhar representatividade na rede urbana. Num primeiro

momento, destacamos as capitais regionais, cidades médias que vem intermediando serviços e funções diversas e para distâncias mais abrangentes.

Se por um lado na literatura nacional e internacional temos encontrado trabalhos sobre os grandes centros urbanos e suas respectivas funções nacionais e internacionais, bem como de teorias urbanas, como por exemplo Roy (2013); Mabin (2015); Brenner (2014); Storper e Scott (2018); ou ainda sobre o papel das cidades médias tais como: Corrêa (2007); Elias e Pequeno (2010); Sposito (2007; 2010); e acerca das pequenas cidades: Corrêa (2004); Fresca (2010); Sposito (2014); Sposito e Silva (2013); - acreditamos, que muito ainda tem a ser investigado acerca dos menores centros.

Para tanto, o objetivo desse trabalho é explicar a influência de uma cidade pequena, hoje considerada pelo Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE, 2017) como centro sub-regional B, que é Pau dos Ferros, localizada no Oeste do estado do Rio Grande do Norte (mapa 01) e seu papel na rede urbana na oferta de ensino superior público, tendo em vista que nessa cidade está situado três Instituições de Ensino Superior (IES) públicas: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

Mapa 01 – Localização de Pau dos Ferros – Rio Grande do Norte

Fonte: Elaboração própria (2024). Base cartográfica: IBGE (2017).

De acordo com o censo do IBGE de 2022 Pau dos Ferros tem uma população total de cerca de 30 mil habitantes, o que não impede sua importância para com as cidades que a

circundam. Tradicionalmente, as pequenas cidades têm tidos como base de estudo a confluência do urbano e do rural, como pontua Corrêa (2011), mas segundo o autor, a função que tem esses centros é diferenciada onde pode "ser possível estabelecer tipos ideais de pequenas cidades que sejam capazes de torná-las compreensíveis enquanto nós de ampla e complexa rede de cidades" (p. 5).

Já conforme Milton Santos (2007) o que dar força regional não é apenas a presença de serviços. Para o autor, estes, são, muito frequentemente fruto de interesses longínquos, já os fatores intrarregionais como a rede de transportes e comunicações, a densidade demográfica e econômica e a vida de relações regional, sim.

Por isso, entende-se que existem um leque de possibilidades para se explicar a cidades e a rede urbana de cidades no Brasil. É preciso considerar tanto o que Corrêa (2011) nos apresenta, como o que Santos (2007) enfatiza, quer dizer, o sistema e as interações urbanas e mesmo sociais, não se constituem de maneira isolada, mas a centros onde determinados serviços se sobressaem, até mesmo quando não condiz com o quadro demográfico, positiva ou negativamente.

Acredita-se que é fundamental considerar a leitura das pequenas e medias cidades por meio das interações entre as diferentes escalas geográficas, pois essas cidades, muitas das vezes, apresentam graus de dependência a comandos políticos e econômicos sediados em outras cidades. Mas as cidades menores, não estão apenas encaixadas a outros centros, existem interações entre elas, movimentos que as articulam (Sposito, 2014).

Para tanto, o caso de Pau dos Ferros enquanto polo educacional e de serviços, é ponto que já vem sendo discutido por diferentes áreas do conhecimento, desde geógrafos e economistas a administradores e planejadores. Em relação a posição na oferta de ensino técnico e superior, devemos considerar que se deve a mudanças não apenas internas da cidade ou mesmo do estado, mas de diferentes esferas políticas e sociais.

Nesse contexto, entre as duas décadas de 1995 a 2015 a educação superior passou por processos de mudanças não só no Brasil, mas no mundo. Essas mudanças também desaguaram no Nordeste do país, uma região com um histórico marcado por ser um centro expulsor de população, onde, certamente, as políticas voltadas para o ensino superior chegam tardiamente (Mancebo; Vale; Martins, 2015).

Segundo a Secretaria de Educação Superior (SESU, 2014) entre 2003 e 2013, duas das regiões mais carentes de ensino superior, a Norte e o Nordeste, apresentaram expansão

significativa da oferta. Na região nordeste, o percentual de matrículas 94%, correspondeu ao dobro do registrado para o Sudeste e mais do triplo daquele registrado na região Sul. Acredita-se que estes resultados são consequências de investimentos na interiorização da universidade pública e nas políticas de democratização do acesso desenvolvidas pelo governo federal.

Nesse sentido, o presente trabalho se justifica em propor uma contribuição na leitura espacial a partir da expansão do ensino superior nos menores centros populacionais, salientamos para o fato de ser um fenômeno ainda recente, tendo em vista que se alavancou no país e em especial nos sertões nordestinos, no início do século XXI.

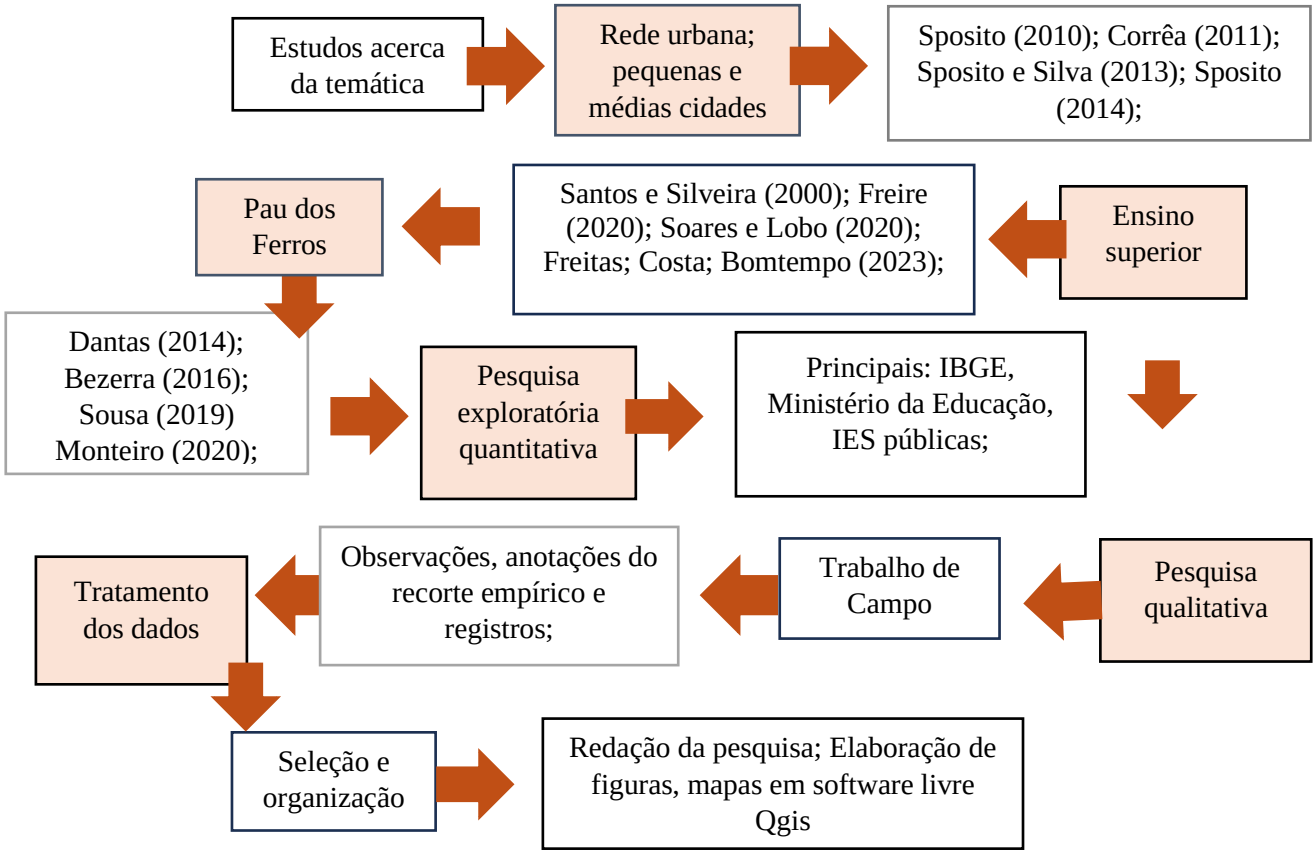
Não obstante, esse artigo encontra-se dividido em cinco seções – a primeira que é essa introdução a qual apresentamos o objetivo da pesquisa e a contextualização do trabalho, a segunda seção trata da metodologia, onde descrevemos o percurso metodológico até chegar aos resultados. Na terceira seção intitulada “Centros sub-regionais e ensino superior no Rio Grande do Norte” é apresentado as características dos centros de modo geral, ora em estudo, seguido de como se apresenta a oferta de ensino técnico e superior público no estado do RN. Já a quarta seção intitulada “Ensino superior e a influência de um centro sub-regional B: um olhar para Pau dos Ferros-RN” – é contextualizado o papel de Pau dos Ferros e região, por conseguinte a área de influência atual (2024) por meio do total de alunos de diferentes municípios da região Nordeste que buscam os serviços de ensino superior público em Pau dos Ferros. Por fim, mas não menos importante, na seção intitulada de considerações finais intentamos em mostrar as conclusões do estudo alcançadas até o momento.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Esse trabalho foi constituído em um primeiro momento com a organização teórica metodológica, onde podemos realizar revisão pautada em literaturas que traçam questões e temas dentro da pesquisa ora estudada. Em um segundo momento, foi realizado levantamento de dados secundários, com o objetivo de entender pontos base de uma pesquisa sobre rede urbana, centros sub-regionais e cidades pequenas, bem como a região de influência das cidades, população do município, influencia na rede urbana, se já existem trabalhos desenvolvidos em tal recorte de estudo, além de dados oficiais das IES públicas, UERN, UFERSA e IFRN de Pau dos Ferros.

De acordo com Sposito 2020 o método é a forma de ver o mundo, mas como podemos interpretar esse mundo? Acreditamos que a organização e planejamento de nossas pesquisas acadêmicas é uma maneira de tentar explicar as transformações em curso. Vejamos o fluxograma de trabalho:

Figura 01: Fluxograma de pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Outro ponto importante no percurso do estudo foram os trabalhos pesquisa de campo (realização entre 2022-2024), onde podemos evidenciar para além dos dados quantitativos (IBGE, 2018; 2020) que colocam Pau dos Ferros, como importante polo regional (Dantas, 2014; Bezerra, 2016; Souza, 2019) sua intermediação com as cidades que a circundam, tanto pela oferta de ensino superior, evidenciada pela dinâmica de pessoas e transportes, como também de outros serviços que a cidade dispõe.

Não obstante, em um quinto momento foi constituído no tratamento de dados, organização e conclusões da pesquisa. A partir deste planejamento e tabulação de dados e

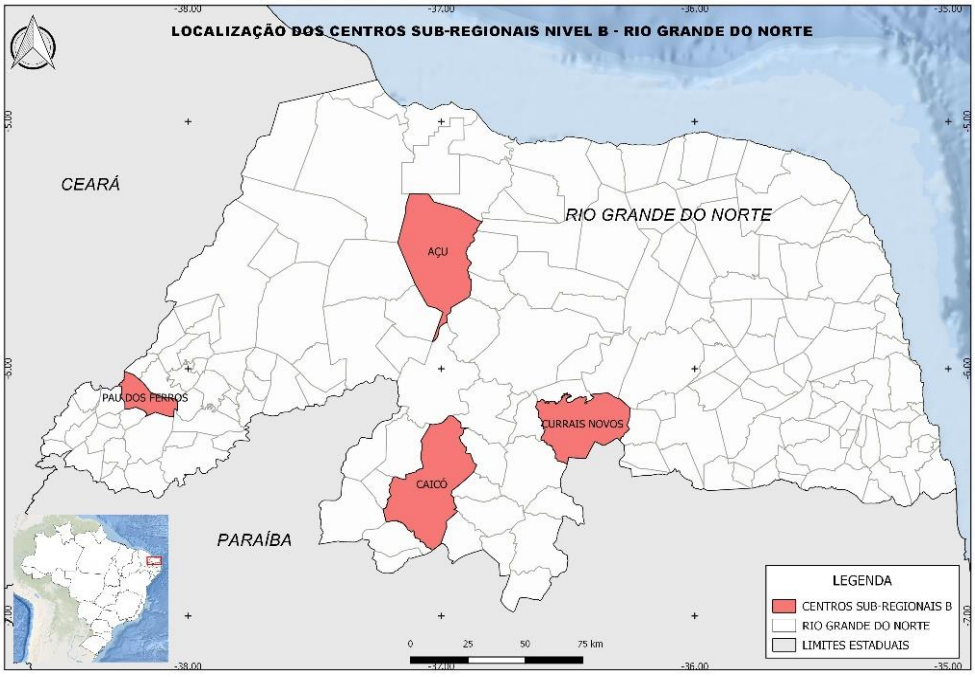
informações foram construídos figuras, tabelas e mapas, considerando como uma maneira de melhor compreender o espaço geográfico.

3. CENTROS SUB-REGIONAIS E ENSINO SUPERIOR NO RIO GRANDE DO NORTE

Considerando o estudo intitulado Regiões de Influência das cidades (IBGE, 2020) destacamos os Centros Sub-Regionais B – formados por 256 cidades com grande participação das Regiões Sudeste e Nordeste, apresenta média nacional de 70 mil habitantes, maiores no Sudeste (85 mil) e menores no Sul (55 mil). No entanto, a estimativa da população de Pau dos Ferros em 2018, era menos de 30 mil habitantes, isso significa que a cidade foge da média de habitantes da região Nordeste, mas não deixa de revelar sua importância na rede urbana.

Na região Nordeste como um todo, 74 (setenta e quatro) centros sub-regionais B, aos quais estão distribuídos nos estados, com maior número de centros na Bahia, seguido de Pernambuco e o Ceará. Os estados com menos centros sub-regionais B são o Rio Grande do Norte e a Paraíba, que conta com apenas 4 (quatro), por outro lado, a Paraíba é onde mais existem capitais regionais. No estado do Rio Grande do Norte, objeto deste texto, os centros Sub-regionais B são: Pau dos Ferros, Currais Novos, Caicó e Açú (mapa 02).

Mapa 02: Localização dos Centros Sub-regional Nível B no Rio Grande do Norte



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do IBGE (2020).

Muito embora no RN tenhamos quatro centros sub-regionais B, podemos evidenciar em como apenas o fator populacional não interpreta a influência de uma cidade, por exemplo, dos quatro centros, Pau dos Ferros é o menor em termos de quantidade habitantes (tabela 01), no entanto, é o mais dinâmico.

Tabela 01: Centros Sub-regionais B e população (2010 e 2022) no Rio Grande do Norte

Cidade	População 2010	População 2022
Caicó	62.709 pessoas	61.146 pessoas
Currais Novos	42.652 pessoas	41.313 pessoas
Açu	53.227 pessoas	56.496 pessoas
Pau dos Ferros	27.745 pessoas	30.479 pessoas

Fonte: Elaboração própria, com base em dados do IBGE (2010; 2022).

Não obstante, entendemos que a rede urbana é construída pelas cidades, essas por sua vez, tem suas próprias características, do tempo presente e da construção histórica, então não podemos constatar a influência das cidades somente pela quantidade, por esta, podemos por exemplo identificar quantas cidades um centro urbano influencia na rede urbana, mas não as relações que estas desempenham como pontua Sposito e Sposito (2022), de acordo com os autores:

> [...] A informação é necessária, mas precisa ir além de seu par dialético, o contingente. Nesse caso, o número de habitante de uma cidade não é suficiente para torná-la uma cidade média, por exemplo, nem definir os contornos de uma metrópole ou de uma cidade pequena. A contingência aparece na efemeridade dos números que são necessários para que saibamos que a cidade existe. (Sposito; Sposito, 2022, p. 160).

Outro ponto que se pode considerar nas pesquisas sobre a intermediação das cidades é análise de mais de uma fonte de dados, por exemplo, na quantidade populacional Pau dos Ferros é o menor entre os centros do Rio Grande do Norte, como já o dissemos, porém, no estudo das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediarias publicados pelo IBGE em 2018, essa cidade é a que mais abrange municípios em sua região imediata (tabela 02).

Tabela 02: Regiões Geográficas Imediatas dos Centros Sub-regionais B no Rio Grande do Norte

Regiões Geográficas Imediatas	Número de municípios por Região Geográfica
Região Geográfica Imediata de Pau dos Ferros	34 municípios

Região Geográfica Imediata de Açu	17 municípios
Região Geográfica Imediata de Caicó	15 municípios
Região Geográfica Imediata de Currais Novos	9 municípios

Fonte: Elaboração própria, com base em dados do IBGE (2010; 2022).

De acordo com o IBGE (2018) vivenciamos nas últimas décadas um aumento na diferenciação interna do espaço territorial, reverberando em mudanças na economia, na política e na população, consequentemente, isso encaminha para a necessidade de atualização do quadro regional anterior que dividia o país em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas (1980). Para tanto, com a inserção do Brasil nos circuitos mundiais, fica claro a necessidade de planejamento e de novas divisões regionais que acompanhem tais mudanças e sua diversidade, assim:

> O recorte das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias de 2017 incorpora as mudanças ocorridas no Brasil ao longo das últimas três décadas. O processo socioespacial recente de fragmentação/ articulação do território brasileiro, em seus mais variados formatos, pode ser visualizado em vários estudos desenvolvidos no IBGE. (IBGE, 2018, p. 18).

Vale lembrar que o processo em curso de reestruturação econômica tem se intensificado desde os anos de 1990, caracterizado por um processo da flexibilização das ações e estruturas de diferentes agentes sociais e econômicos, alterando as relações entre a economia, o espaço e a sociedade, desse modo, as regiões incorporaram novos atributos em sua rede de cidades (Soares; Lobo, 2020).

É nesse contexto de transformações e de reestruturação das cidades de diferentes portes e funções, que centros urbanos com menos de cinquenta mil habitantes conseguiu alçar representatividade na desnivelada rede urbana brasileira. Por exemplo, no nível de centralidade de ensino superior a cidade de Pau dos Ferros, se apresenta em 5° nível[1], à primeira vista, pode parecer um número insignificante, no entanto, quando é analisado os demais níveis que variam entre 1 e 7, evidenciamos a contribuição. Em 1° lugar no Brasil, tem-se apenas São Paulo e no nível 2° o Rio de Janeiro. Tais dados mostram como há ainda grande concentração de cursos superiores nesta área do país.

[1] IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia, Regiões de Influência das Cidades 2018. 2. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Censo da educação superior 2015: microdados. Brasília, DF: INEP, [2019].

Na região Nordeste o nível 3 aparece em todas as nove capitais dos estados, seguida do nível 4 em alguns pontos específicos: Mossoró – RN, Sobral e Juazeiro do Norte – CE, Caruaru – PE, Vitória da Conquista e Feira de Santana na Bahia. Desse modo, no 5° nível fica apenas Pau dos Ferros e Caicó no Rio Grande do Norte, sendo as demais cidades com universidades centros 6 e 7, inclusive Currais Novos e Açú, que são centros sub-regionais.

O fato de Pau dos Ferros e Caicó estarem equiparados no nível centralidade para o ensino superior, se deve a presença de IES federais de estaduais de nível técnico e superior, enquanto Currais Novos e Açu estejam no mesmo nível em termos de centro sub-regional, o ensino superior público se faz menor se comparado aos outros dois centros (tabela 03).

Tabela 03: Centros sub-regionais (nível B) e Instituições de Ensono Superior – Rio Grande do Norte

Centro Sub-regional	Instituições de Ensono Superior
Pau dos Ferros	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN);
Caicó	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN);
Açu	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN);
Currais Novos	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN);

Fonte: Elaboração própria com base em dados das IES (2024).

Na tabela 03, podemos verificar que o centro com menor desempenho em oferta de ensino superior, é o de Açu, seguido de Currais Novos. Outro ponto, é a presença dos Institutos Federais que estão em três dos quatro centros[2], no estado os IFs são os responsáveis pelas matrículas em cursos técnicos gratuitos aonde as vagas não são suficientes para suprir a demanda estadual, um caminho a seguir pode estar vinculado à criação de novos cursos e à expansão das vagas nos cursos já existentes, bem como a implementação de cursos noturnos, haja vista que há jovens e adultos que no período diurno trabalham (Freitas; Alves, 2023).

Vale ressaltar, que no nível pós-graduação, apenas três cidades do Rio Grande do Norte ganham destaque nos estudos da REGIC (2018), Natal (nível 3), Mossoró (nível 4) e Pau dos

[2] Açu tem quase o dobro populacional de Pau dos Ferros, mas não conseguiu um campus do IFRN, isso é uma questão em aberto, no entanto, acreditamos na hipótese de que os diferentes agentes, sociais e políticas modelam o espaço geográfico, e com isso essas ausências só podem ser explicadas com trabalhos científicos.

Ferros (nível 5). Isso significa, que embora Caicó esteja no mesmo nível que Pau dos Ferros em cursos superiores, não consegue ultrapassar a oferta de pós-graduação. A importância de cursos de mestrado e doutorado já vem sendo debatido a um tempo, no estudo de Alves, Dantas e Souza (2018) a quais explicam que Pau dos Ferros era o menor centro do país com curso de doutorado, além do trabalho de Delfino (2020) que explicou a abrangência e a dinâmica das pós-graduação stricto sensu do CAPF/UERN, e sua importância, dinamização e inserção em cidades interioranas do Semiárido brasileiro.

Para além das grandes metrópoles nacionais e globais, entendemos que o sistema das hierarquias urbanas foram "quebradas" como apresenta Sposito e Silva (2013), tais mudanças não ocorreram por acaso, um dos fatores se deve ao avanço da informacionalização da economia, as quais passaram a integrar uma rede de cidades de múltiplos circuitos, com base em interações diversas que conectam os centros pequenos a locais cada vez mais distantes, desse modo, não é mais obrigatório passar pela metrópole ou das capitais regionais.

4. ENSINO SUPERIOR E A INFLUÊNCIA DE UM CENTRO SUB-REGIONAL B: UM OLHAR PARA PAU DOS FERROS-RN

Nos anais da história todas as cidades que iam sendo construídas em tempos mais antigos, funcionavam como sistemas de interações locais, mas também com intermediações mais complexas e de distâncias mais longas, assim, a dinâmica de pessoas, bens e informações é algo secular, embora na atualidade reconhecemos que as cidades estão fortemente e cada vez mais interligadas entre si em redes relacionais (Scott; Storper, 2018).

Nesse contexto, citamos Pau dos Ferros, como já mencionado na introdução, essa cidade vem desempenhando importante função urbana e regional, no entanto, muito do que se dinamiza hoje tem uma origem em um tempo mais distante. Entendemos que o espaço se modifica constantemente e isso reverbera na reconstrução das paisagens no espaço e no tempo distinto.

Destarte, Pau dos Ferros outrora serviu como ponto de parada e partidas, não como o vemos hoje, sobretudo na dinâmica condicionada pelo setor terciário (serviços e comércio), mas por uma produção que era agropastoril, não diferindo de tantos outros centros populacionais da região Nordeste do Brasil, Pau dos Ferros tem sua origem com o *pau do ferro* na sombra das oiticicas, que eram o ponto de descanso dos boiadeiros que cortavam os sertões semiáridos criando os caminhos do gado. No caso de Pau dos Ferros a posição geográfica era estratégica,

entrecruzamento entre os estados do Ceará e Paraíba e cortado pelo rio Apodi-Mossoró. (Barreto, 1987; Silveira, 1999; Andrade, 2005; Monteiro, 2020).

Entre um período e outro, entre as mudanças e o avanço das técnicas, o espaço é redesenhado por diferentes agentes, entre estes, as pessoas (social) os modos de vida (cultural) e o Estado (político). Entrementes, em Pau dos Ferros o Estado teve função importante, pois podemos identificar órgãos públicos estaduais e federais situados nessa cidade.

Entre os órgãos destacamos Banco do Nordeste do Brasil – BNB (criação em 1955), Caixa Econômica Federal (criação em 1978), Banco do Brasil (criação em 1978), Receita Federal (instalação em 1929), Coletoria Estadual (instalação em 1917), Instituto Nacional do Seguro Social – INSS (instalação em 1992). Na área da saúde tem-se o Hospital Centenário (criado em 1956) a Maternidade “Santa Luzia” (criada em 1961) e o Hospital Regional (criado em 1990). No setor educacional presente tem-se a UERN criada em 1976, o IFRN instituído em 2009 e a UFERSA em 2012. (Sousa, 2019).

Entendemos que todos esses órgãos são de suma importância na dinâmica da cidade, e isso condiciona nas idas e vindas de pessoas de diferentes cidades do entorno de Pau dos Ferros. Nos trabalhos de campo realizados (2022-2024) isso é muito comum, ambulâncias de cidades vizinhas, carros de linha, vans e até mesmo os tradicionais como o “Pau de Arara” (imagem 01) até modelos de carros mais populares, e carros que transportam pacientes, por exemplo de outras cidades (imagem 03).

Imagem 01: fluxo de carros na BR 405 em Pau dos Ferros

Fonte: Acervo dos autores (campo, 2022).

Imagem 02: Ambulância de Tenente Ananias (RN)

Fonte: Acervo dos autores (campo, 2023).

Imagem 03: Carro de Portalegre – RN em Pau dos Ferros para tratamento de Hemodiálise

Fonte: Acervo dos autores (campo, 2024).

Outro setor que movimenta a cidade de Pau dos Ferros é o comércio, principalmente pela oferta de grandes redes de supermercado, sobre esse assunto destacamos o trabalho de Bezerra (2016) que defendeu seu trabalho sobre a cidade e região de Pau dos Ferros, e neste apresentou as primeiras redes de supermercado (Rede 10, Rede Queiroz, e Rede Oeste).

Mais recentemente Filho (2022) explicou a expansão de novas redes de supermercado na cidade criadas a partir de 2018 (Oeste Frios, Grupo Nosso Atacarejo e Super Q). Neste estudo o autor evidenciou que a cidade apresenta um conjunto de condições que despertam o interesse de grandes redes de supermercados e atacarejos a atuarem no seu espaço urbano, que reflete a reorganização dos espaços destas formas de comércio, existentes para além dos grandes centros urbanos.

Destarte, como o objetivo é entender a influência de uma cidade a partir do ensino técnico e superior, as atividades de campo também se fizeram no sentido da observação do

fluxo de alunos que buscam em Pau dos Ferros-RN o ensino técnico e superior. Em nossos registros podemos evidenciar uma dinâmica bastante significativa de transportes, desde carros de prefeituras, carros de linha, mas sobretudo os conhecidos ônibus amarelinhos[3] que são os principais responsáveis pela mobilidade de alunos que se deslocam a Pau dos Ferros diariamente no período de aulas do IFRN (imagem 1) da UFERSA (imagem 2) e da UERN (imagem 3), como se pode observar na figura 02.

Figura 02: Chegada de alunos nas IES públicas de ensino técnico e superior em Pau dos Ferros – RN

Fonte: Freitas, C. C. G. (campo em abril de 2023 e novembro de 2023).

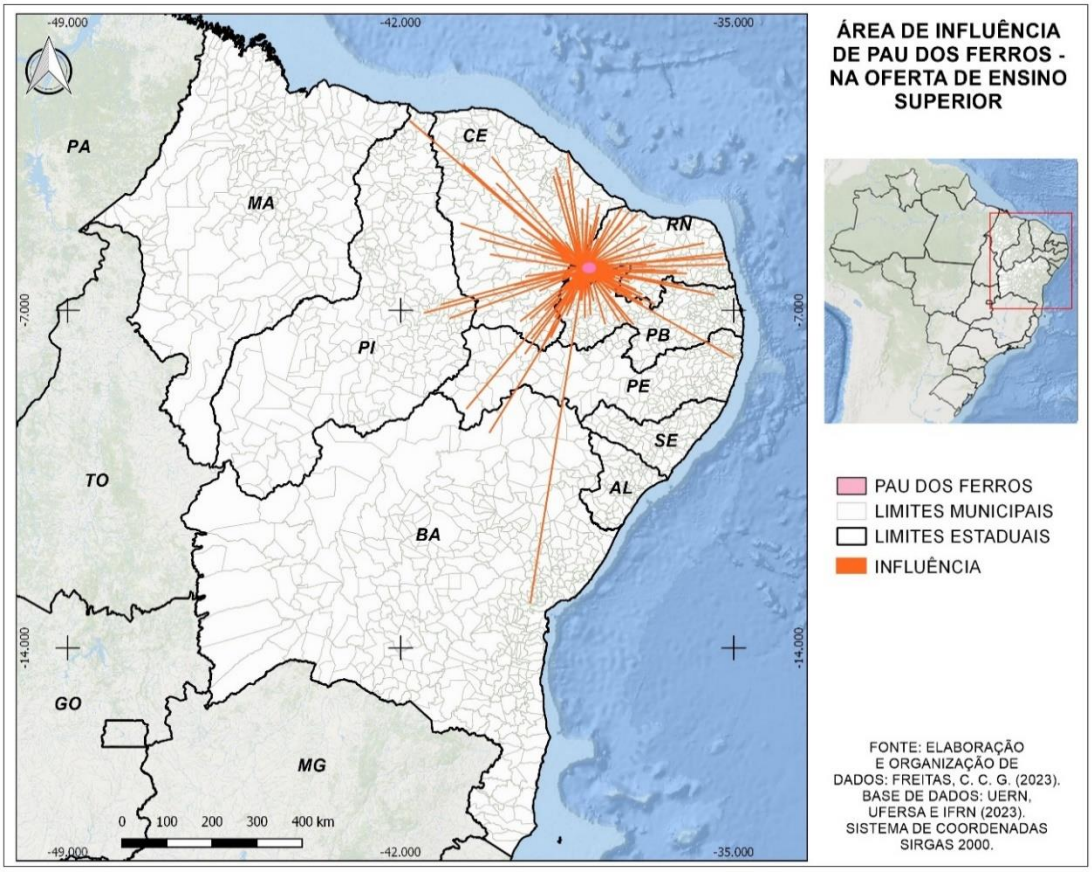
Diante do apresentado, o que podemos evidenciar, é que os chamados movimentos pendulares têm predominado entre esses pequenos centros da região Nordeste. Tais mudanças remetem ao que Ojima e Marandola Junior (2012) já haviam discutido, que nos primeiros anos do século XXI encaminhamos para uma desconcentração metropolitana, por meio da ampliação da mobilidade e da comunicação, desse modo, existe uma complexificação da rede urbana da qual o sentido de cidade e região é redefinido, não mais por meios das grandes metrópoles, mas

[3] O Artigo 5º da Lei nº 12.816/2013 legitima que os municípios estão autorizados a deixar com que o transporte escolar municipal seja utilizado pelos estudantes universitários. Segundo o Parágrafo único "Desde que não haja prejuízo às finalidades do apoio concedido pela União, os veículos, além do uso na área rural, poderão ser utilizados para o transporte de estudantes da zona urbana e da educação superior, conforme regulamentação a ser expedida pelos Estados, Distrito Federal e Municípios" (BRASIL, 2021).

das cidades pequenas e médias, que passam a se articular de maneira mais intensa e sem necessariamente ter influência metropolitana, pontuam os autores.

No caso de Pau dos Ferros, a dinâmica diária que movimenta a cidade desde aqueles que chegam nas primeiras horas do dia (6:30 da manhã) até aqueles que por algum motivo estuda em cursos noturnos (saída de 22:00 da noite) é reflexo do que os dados oficiais das IES apresentam com a origem dos alunos matriculados (mapa 03).

Mapa 03: Área de Influência de Pau dos Ferros – Na oferta de ensino superior



Fonte: Elaborado pela autora (2023), com base em dados da UFERSA, UERN e IFRN (2023).

Muito embora, na cidade de Pau dos Ferros, seja possível observar a dinâmica diária, o ensino superior acaba por dinamizar a vida urbana da cidade, a transformando internamente, isso porque, como podemos identificar no mapa de influência, muitos alunos são de municípios distantes, não tendo a possibilidade do deslocamento diário, optar por ter uma residência na própria Pau dos Ferros. Nesse contexto, Tavares e Oliveira (2015) que estudaram os movimentos pendulares para Fins de estudo no interior do Estado do Rio de Janeiro, explicam:

> Ainda nessa relação entre mobilidade de estudantes e estrutura urbana, um dos fenômenos que pode ocorrer é o surgimento/reforço de outras atividades econômicas locais e às mudanças no mercado imobiliário. Esses estudantes nem sempre percorrem uma jornada de deslocamento diária, alguns que residem mais distantes do município de estudo necessitam providenciar um lugar de moradia, o que faz aumentar o número de domicílios do tipo pensão, república ou mesmo alugados diretamente por estudantes do ensino médio, técnico e universitário, sobretudo no entorno das instituições de ensino – o que é observado em Campos. (Tavares; Oliveira, 2015, p. 4368).

Em nossa pesquisa podemos evidenciar os apontamentos de Tavares e Oliveira (2015) no contexto da pequena cidade de Pau dos Ferros, onde depois da construção das IES públicas, sobretudo UERN e IFRN, com a expansão próxima a estas, fez com que bairros como Chico Cajá, Zeca Pedro e Nações Unidas fossem praticamente criados após tais infraestruturas. Além do mais, nos últimos quatro anos, novas estruturas foram construídas e outras se encontram em fase de construção.

Em linhas gerais, entendemos que o maior acesso de alunos a cursos de graduação, sobretudo com o aumento entre os anos de 2001 e 2010, antigas disparidades na distribuição de matrículas puderam ser minimamente mudadas, para além da significativa presença da rede federal no cumprimento de tais matrículas na esfera pública (Freitas; Costa; Bomtempo, 2023) como pela expansão e criação de novos cursos nas IES estaduais.

Não obstante, compreendemos a importância que tem o papel do Estado para a efetivação de políticas que visam diminuir as disparidades regionais e as desigualdades sociais, estas por vezes também se apresentam na

> [...] educação superior, pois não basta o incremento de novas vagas sem a possibilidade de assegurar a permanência de alunos, principalmente oriundos das classes menos favorecidas. Pensar a interiorização, portanto, é pensar em políticas de assistência estudantil, em efetivação de pesquisa e extensão nas IES, em oportunizar aos sujeitos as possibilidades de formação e emancipação. Além disso, a instalação de IES em cidades fora do eixo metropolitano possibilita a dinamização das economias locais e regionais (Freire, 2020, p. 94).

Para tanto, mesmo que de tempos em tempos, as políticas sociais sejam sucateadas, vale lembrar que é necessária a busca pela continuidade do desenvolvimento de políticas para a Educação Superior, um desafio a ser enfrentado na defesa de serviços que são a força motriz para o crescimento econômico, social, político e cultural de nosso país (Sales, 2018).

Nesse contexto, intentamos no que apresenta Santos (2007) “O que dá força regional não é apenas a presença de serviços, muitos dos quais induzidos de interesses longínquos, mas

fatores intrarregionais: rede de transportes e comunicações; densidade demográfica e econômica; vida de relações regional" (p. 53). Diante disto, o que cabe as pesquisas e a função das próprias instituições de ensino técnico e superior, é a investigação pelo quantitativo, mas também pelo que qualitativo.

Nesse artigo, podemos evidenciar que pela quantidade, apenas, Pau dos Ferros seria somente uma cidade pequena do interior do nordeste brasileiro, com poucas funções urbanas, ou ainda com atividades e economias arcaicas dos sertões semiáridos. No entanto, as pesquisas científicas, desde a artigos acadêmicos a teses defendidas sobre a cidade e região mostram o contrário.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se buscarmos datar o que vem mudando significativamente nas cidades, chegaríamos a pelo menos nos anos de 1990, a virada do século XX para o XXI pode ser considerado um divisor de águas, nas mais distintas esferas da vida humana, e como maior parcela populacional vivem nas cidades, estas, por sua vez, também se modificam.

Aqui apresentamos breves resultados acerca da interação da rede urbana brasileira, que como a apresentamos na introdução deste artigo, se encontra bastante desnivelada, em termos quantitativos e funcionais. Por outro viés, compreendemos que tais mudanças supracitadas, têm chegado nos diferentes centros, de tamanhos e intermediações distintas, como é o caso dos centros sub-regionais, sejam de nível A ou B. O que de início transforma as capitais regionais, no momento atual chega aos centros de comando menores (funcionalmente).

No mais, consideramos que as transformações que moldam e dão sentido aos espaços geográficos são planejadas por diferentes atores, como agentes sociais, econômicos e políticos, por exemplo. Mas como isso tem ocorrido? Quais as dinâmicas populacionais isso tem reverberado? Em que medida a oferta de ensino técnico e superior tem transformado o cenário das pequenas cidades da região Nordeste do Brasil?. Não temos as respostas para isso, talvez hipóteses, mas são pontos para futuras pesquisas.

Distante da efervescência das grandes metrópoles brasileiras, os centros sub-regionais vêm comandando uma rede de cidades, são ligações ainda tímidas, mas que não devem ser desconsideradas nos estudos das ciências sociais, mormente a Geografia. Em meio a tantas pequenas cidades Pau dos Ferros se tornou um diferencial, sua posição, talvez, como

entrecruzamento de três estados e como mencionado neste trabalho, o levou a tal nível de interação, não apenas dentro da própria cidade, ou mesmo dentro do estado, e sim, ultrapassando novos limites e condicionando novas dinâmicas espaciais, como apresentado no mapa 02 da área abrangência de ensino técnico e superior públicos de Pau dos Ferros, como uma área de influência de mais de 100 (cem) municípios diferentes.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. S. F.; DANTAS, J. R. Q.; SOUZA, G. S. Dinâmicas urbano-regionais em territórios de fronteira interna. Fortaleza: **Mercator**, v. 17, 2018, p. 1-15. Disponível em: https://www.scielo.br/j/mercator/a/qDXFc9ykkKTVHDpYYwG3F4d/abstract/?lang=pt Acesso em: 23jan. 2023.

BARRETO, J. J. **Pau dos Ferros:** História, Tradição e Realidade. Editora Carlos Lima, 1987.

BRASIL. **Artigo 5º da Lei nº 12.816 5 de junho de 2013.** Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12816.htm> acesso em 01 de abril de 2021.

BRENNER, Neil. Teses sobre a urbanização. **eMetropolis**, Rio de Janeiro, no 19, ano 5, dezembro de 2014, p. 6-26.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a Rede Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, Maria E. B. (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 23-33.

CORRÊA, Roberto L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GeoUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 30, p. 05-12, 2011.

DELFINO, Luciano Dias. **PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* NO SEMIÁRIDO POTIGUAR E BUSCA PELA SUPERAÇÃO DA ASSIMETRIA REGIONAL: UM ESTUDO NA UERN/*CAMPUS* PAU DOS FERROS (RN).** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido – PLANDITES-UERN. Pau dos Ferros: RN, 2020, 154 p.

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. Mossoró: o novo espaço da produção globalizada e aprofundamento das desigualdades socioespaciais. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro. (orgs.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 101-283.

FREITAS, C. C. G.; COSTA, M. R. da; BOMTEMPO, D. C. Políticas públicas e ensino superior no século xxi: a presença do reuni em pequenas e médias cidades do nordeste brasileiro. **Revista Geotemas**, Pau dos Ferros, v. 13, n. 1, p. e02312, 2023. Disponível em: https://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/4732 Acesso em: 18 jul. 2023.

FREITAS, C. C. G.; ALVES, L. da S F. EXPANSÃO DA REDE DE INSTITUTOS FEDERAIS: A INFLUÊNCIA DO IFRN – Campus Pau dos Ferros na oferta de ensino técnico e superior. **Geoconexões**, *[S. l.]*, v. 1, n. 15, p. 364–384, 2023. DOI: 10.15628/geoconexes.2023.14948. Disponível em: https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/geoconexoes/article/view/14948 Acesso em: 7 jul. 2024.

FRESCA, Tânia M. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. **Mercator,** Fortaleza, número especial, dez. de 2010, p. 75-81. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/398> Acesso em: 13 de junho de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Geociências**. Disponível em: <www.inge.gov.br> Acesso em: 30 mai. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias 2017.** Rio de Janeiro, 2017, 82 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/pau-dos-ferros/panorama> acesso em: 31 de maio de 2024.

MABIN, Alan. Sedimentando a teoria da cidade do Sul. **Revista Sociedade e Estado**. N. 2, Vol. 30, Maio/Agosto 2015, p. 323-346. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/fSW5Rch5wwJ4DXTmqcfjQdt/?format=pdf&lang=pt> acesso em: nov de 2022.

MONTEIRO, Jackson Rayron. **À SOMBRA DO CAPITAL:** a urbanização de pau dos ferros (rn) como resultado da intervenção do estado e da sua apropriação pela iniciativa privada. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido, UERN: Pau dos Ferros, 2020, 186 p.

OJIMA, Ricardo; MARANDOLA JR., Eduardo. Mobilidade populacional e um novo significado para as cidades: dispersão urbana e reflexiva na dinâmica regional não metropolitana. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais,** Rio de Janeiro, v.14, n. 2, p. 103-116, 2012.

ROY, Ananya. Las metrópolis del siglo XXI: nuevas geografias de la teoria. **Andamios**, N. 22, Vol. 10, maio-agosto de 2013, p. 149-182. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/anda/v10n22/v10n22a9.pdf> Acesso em: nov de 2022.

SCOTT, Allen; STORPER, Michael. A natureza das cidades: a abrangência e os limites da teoria urbana. **Geografares**, n. 27, 2018, p. 5-29. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/21999> acesso em: nov de 2022.

SOUSA, R. C. de. **O PAPEL DO GASTO PÚBLICO NA INTERIORIZAÇÃO DO URBANO NO SEMIÁRIDO NORDESTINO**: o caso de pau dos ferros-RN e de sua região após 2000. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico do Instituto de Economia. UNICAMP. SP. 2019. 192 p.

SPOSITO, M. E. B. CIDADES MÉDIAS: REESTRUTURAÇÃO DAS CIDADES E REESTRUTURAÇÃO URBANA. In: SPOSITO, Maria E. B. (org.). **Cidades médias:** espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 233-253.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidades médias e pequenas: particularidades da urbanização brasileira. In: DIAS, Patrícia Chame; LOPES, Diva Maria Ferlin. **CIDADES MÉDIAS E PEQUENAS:** DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO PLANEJAMENTO E GESTÃO. Salvador: SEI, 2014.

SPOSITO, Eliseu Savério; SILVA, Paulo Fernando Jurado da,. **Cidades pequenas:** Perspectivas teóricas e transformações Socioespaciais. Jundiaí, paco editorial, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SPOSITO, Eliseu Savério. Qualidade e Quantidade. In: SPOSITO, M. E. B.; SPOSITO. E. S.(orgs.). **A CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS.** 2022, p. 159-164.

STORPER, Michael; SCOTT, Allen J. Debates atuais sobre a teoria urbana: uma avaliação crítica. **Geografares**, n. 27, 2018, p. 30-62. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/geografares/article/view/22001> acesso em: nov de 2022.

TAVARES, J. M. S., OLIVEIRA, E. L. de. **Movimentos Pendulares para Fins de Estudo no interior do Estado do Rio de Janeiro**. In: XI Encontro Nacional da ANPEGE, 2015, Presidente Prudente. Anais do XI-ENANPEGE, 2015. p. 4362-4373.